

Jornalismo investigativo e literatura: o livro reportagem atuando na denúncia social

p. 71 - 79

Morgani Guzzo¹

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira²

Resumo

É notável a relevância da investigação para matérias jornalísticas. Porém, reportagens com conteúdo aprofundado são cada vez mais raras nos veículos de comunicação convencionais. Uma alternativa à superficialidade e ao estilo de escrita da pirâmide investida é o desenvolvimento da reportagem em livro. Com um enfoque diversificado, estrutura literária e investigação profunda, acontecimentos ganham caráter humano e criativo nas páginas do livro, tornando-se, além de um documento jornalístico, uma obra literária. Por meio da análise do livro-reportagem de Caco Barcellos, Rota 66, busca-se identificar o método utilizado pelo jornalista na investigação e os elementos empregados na narrativa da denúncia social.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Rota 66. Jornalismo.

Abstract

It is remarkable the relevance of research for news stories. However, reports with in-depth content are increasingly rare in conventional communication vehicles. An alternative to the superficiality and the writing style of the pyramid onslaught is the development of reportage in the book. With a diversified approach, literary structure and deep research, events earn human and creative character in the pages of the book, becoming, in addition to a journalistic document, a literary work. Through analysis of book-reportage of Caco Barcellos, Route 66, seeks to identify the method used by the journalist in research and the elements employed in the narrative of the social denunciation.

Keywords: Book-reportage. Route 66. Journalism.

Introdução

O objeto deste estudo é o livro *Rota 66: A História da Polícia que Mata*, de autoria do jornalista Caco Barcellos. Nesse livro, o jornalista denuncia a atuação da Polícia Militar nas ruas de São Paulo no período de 1970 até 1992, por meio da investigação e de uma narrativa híbrida que une Literatura ao jornalismo.

A união entre o jornalismo e a Literatura vem produzindo uma nova maneira de informar. O jornalista conquista uma liberdade maior no campo da escrita e produz um texto mais artístico no exercício de seu papel social. Quem ganha com isso é o leitor, que além de se informar, consegue um prazer na leitura, típico daquele conseguido em um romance.

A investigação, preceito básico para uma

1. Acadêmica de Iniciação Científica. Unicentro. E-mail: morgani.g@hotmail.com

2. Orientadora: Pós-doutora pela UFRJ. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

informação verídica e dotada de todos os aspectos essenciais do jornalismo, ganha um novo veículo de divulgação por meio do livro-reportagem. Esse veículo permite um ganho maior de tempo e de apuração e garante a divulgação do resultado da forma mais ampla possível.

Ao analisar a obra *Rota 66*, busca-se identificar os métodos investigativos utilizados pelo jornalista Caco Barcellos e refletir de que forma o jornalismo pode acumular a função de informar com qualidade e possibilitar o prazer de uma leitura agradável. O livro-reportagem é uma das possibilidades de veiculação da grande-reportagem, que combina a investigação com um método de escrita mais subjetiva.

A pesquisa bibliográfica será feita por meio de consultas a fontes especializadas, como livros e textos teóricos que tratam do livro-reportagem, da grande-reportagem, do jornalismo investigativo, do jornalismo literário. Além disso, será feita a análise da narrativa, os métodos de investigação utilizados na construção da denúncia em forma de livro.

A reportagem, a Literatura e a investigação

A arte de informar e formar com qualidade é uma das maiores ambições do jornalista. Mas, informar e, principalmente, formar a sociedade é uma tarefa árdua. A necessidade da imparcialidade, utopicamente apregoada, e da investigação profunda de cada acontecimento, para que se consiga repassar de forma correta e completa as informações, fazem do jornalista um eterno caçador de personagens e de fontes. Essa missão, nada simples, é o que guia o jornalista durante a carreira. É o que faz com que ele acredite mais do que qualquer pessoa, em sua capacidade de fazer a diferença na sociedade.

O jornalista Caco Barcellos é um exemplo

de quem acredita nisso. Nas palavras de Narciso Kalili, “[...] é um jornalista que tem lado”. Ao optar pela reportagem, escolhe narrar, “o dos mais fracos, o das vítimas” (*apud* Barcellos, 2008, p.9) e insistir nessa busca interminável pelo acontecimento no seu grau mais profundo. Em suas reportagens para os jornais, revistas e na televisão (pela Rede Globo), é impossível não se sensibilizar com o lado humano que o jornalista consegue imprimir nas reportagens, por meio da linguagem utilizada e da investigação do acontecimento. Seu livro, lançado em 1992, *Rota 66*, não é diferente.

Uma das mais comuns formas de veiculação de notícias bem investigadas, com apelo ao humano e com escrita atraente, é feita em revistas e meios não convencionais, como em livros-reportagem. Veículos de massa como o jornal, a televisão e o rádio, por possuírem necessidade de rapidez e espaço restrito, dificilmente veiculam o gênero que pode ser considerado o mais completo do jornalismo: a reportagem. Segundo Edvaldo Pereira Lima, a necessidade de abordagem mais ampla de determinados temas levou ao surgimento desse gênero.

O jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem, que nos casos mais felizes oferece, em torno do núcleo frio que marca a face árida de um acontecimento, todo um contexto embelezado pela dimensão humana, pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de suas causas, pela indicação dos rumos que poderá tomar. (Lima, 1998, p.10).

A reportagem possui características marcantes. Por meio de uma voz autoral, o jornalista escreve como se contasse uma história de diversas angulações e com uma escrita cativante. O que permite que essa história contenha angulações diferenciadas, e não apenas aquela unilateral das corriqueiras notícias veiculadas em jornais diários,

é a capacidade investigativa do jornalista.

A investigação é característica básica para qualquer publicação jornalística, mas essa prática enfrenta muitas dificuldades. As atribuições das redações no esforço de noticiar o novo, o “furo”, ou seja, as informações em tempo real antes que os seus concorrentes o façam, juntamente com o grande investimento financeiro necessário em uma investigação, contribuem para que o jornalista deixe de se preocupar com a investigação profunda dos acontecimentos. Geralmente, vemos notícias soltas, sem contextualização e sem versões diferenciadas. Jornalistas preocupados com a profundidade dessa investigação, portanto, tendem a publicar suas reportagens em revistas ou ampliá-las para, em forma de livro, conseguir atingir o público. Segundo Lima, “[...] na medida em que certos temas importantes não têm nos veículos jornalísticos convencionais a guarida que merecem, [...] a alternativa natural é a elaboração da grande reportagem, na forma de livro.” (Lima, 1998, p.12).

No formato de livro, a reportagem ganha uma dimensão maior e permite ao jornalista uma liberdade de escrita. O livro-reportagem é um gênero híbrido que une jornalismo investigativo e Literatura. Segundo Lima, “o livro-reportagem procura é atingir uma harmonia entre duas qualidades: eficiência e fluência.” (Lima, 1998, p.42). A eficiência diz respeito à informação e orientação da opinião pública, possível por intermédio do jornalismo. A profundidade que se deseja, para que o leitor compreenda amplamente a realidade, é conseguida por meio da investigação. A outra qualidade, segundo Lima, é a fluência, ou seja, a elegância, obtida por meio dos recursos literários.

Uma das vertentes do jornalismo, que ganha mais espaço por meio do livro-reportagem, é o jornalismo literário, que na definição de Denise

Casatti,

É um tipo de jornalismo em que, basicamente, leva-se em consideração a imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observações, a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar e a elaboração de um texto (para jornal, revista, internet, televisão ou cinema) que permita que a história venha à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo. (Casatti, 2004)

As grandes demonstrações de jornalismo literário surgiram nas revistas culturais do século XVIII e século XIX. A influência de Charles Dickens e Honoré de Balzac tanto na literatura do século XVIII, com o Realismo Social, quanto no jornalismo posterior marcou a relação entre o jornalismo e a Literatura. Muitos romancistas buscaram nos jornais inspiração para escreverem suas obras, como por exemplo: Mark Twain, Fiodor Dostoiévski, Léon Tolstói e Ernest Hemingway.

No século XX, o livro-reportagem foi bastante difundido nos EUA. John Reed escreveu *México Rebelde* em 1924, que relatava a guerra civil do México. Nos anos 60 e 70 surgiu um movimento conhecido como *New Journalism*, que é uma alternativa a estrutura fechada da pirâmide invertida com o *lead* (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?). Os principais representantes foram: Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer, Truman Capote, Joseph Mitchell, entre outros.

No Brasil, apesar do jornalismo literário não ter tradição, esse gênero já existia antes do *new journalism* ser aclamado nos Estados Unidos. O marco foi o livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, publicado em 1902, que narra a Guerra de Canudos. O gênero também foi desenvolvido em matérias da revista *Realidade*, *Cruzeiro*, *Senhor* e no *Jornal da Tarde*.

O jornalista Sérgio Vilas Boas (2006) assevera que “[...] a maior contribuição que o jornalismo literário pode dar, de imediato, é

com as reportagens especiais [...]” como “[...] reportagens narrativas, autorais, transparentes, algo que valha a pena guardar pelo conteúdo aprofundado, pela forma artística e pela postura de compartilhamento por parte do repórter-autor.” (VILAS BOAS, 2006). Entretanto, Vilas Boas percebe que o jornalismo literário, ainda, não é produzido em larga escala no Brasil, e isso nada tem a ver com os recursos disponíveis, com o tempo e com o consumo por parte dos leitores.

[...] Mas ainda não se pratica jornalismo literário em larga escala no Brasil por uma questão de mentalidade fechada, desconhecimento, preguiça, burocracia e um certo ‘autojulgamento moral’. Isso não tem nada a ver com número de caracteres, recursos financeiros ou leitores. O fato é que ainda é mais cômodo deixar tudo como está, e por isso o jornalismo impresso está como está: cada vez menos interessante e redundante. (Vilas Boas, 2006)

A motivação de muitos jornalistas para escrever com mais profundidade e investigar a fundo os acontecimentos surge, geralmente, pela publicação de notícias corriqueiras e quase sem repercussão.

Notas em jornais sobre conflitos entre policiais e supostos bandidos, em que na maior parte das vezes o número de policiais mortos ou feridos é nulo, chamaram a atenção do jornalista Caco Barcellos. As notas soltas, sem relação com episódios passados não geraram repercussão na mídia, mas para um jornalista experiente, como Barcellos, tantas mortes de civis em supostos tiroteios contra policiais não poderia ser comum.

Após um período de investigação, cada pequena notícia divulgada na imprensa pode ganhar dimensões de uma grande história. O jornalista, então, pode utilizar-se do livro-reportagem como forma de divulgação e denúncia do que conseguiu apurar. A vantagem de essa denúncia ocorrer em um livro é a liberdade editorial e de escrita, ausente nos meios de comunicação convencionais. Segundo Lima,

O livro-reportagem é parte do mundo do jornalismo, mas possui sua própria autonomia, que exatamente lhe possibilita experimentações impraticáveis nas redações dos veículos periódicos. Por isso, penetra num território novo, podendo transcender o jornalismo – pelo menos na sua concepção conservadora –, gerar um novo campo. (LIMA, 2004, p.14)

Caco Barcellos utilizou-se da fórmula livro-reportagem para divulgar o resultado de uma investigação que começa em abril de 1970 e que é concluída com a publicação do livro em 1992, mesmo assim, sem que o assunto tenha cessado completamente. De acordo com as próprias palavras do autor “[...] fixado o início, decido que o final do período de abrangência do Banco de Dados será ilimitado: só acaba no dia em que os PMs deixarem de matar.” (BARCELLOS, 2008, p. 88).

A veracidade do que é escrito é essencial. No jornalismo, a vida real é o principal elemento. Segundo Vilas Boas (2006), o jornalismo literário deve unir a arte ao estritamente real. “Em jornalismo a vida real é tudo. Mas, mesmo se mantendo estritamente dentro do real, é possível ser bastante artístico. Arte não é monopólio da literatura de ficção.”

O livro-reportagem aborda temas de interesse jornalísticos e que primam pela informação concreta e verossímil. O objetivo, segundo Lima (1998) deve ser encontrar quantas camadas da realidade sejam necessárias para explicar o fato, para mostrá-lo cruamente, de forma mais abrangente possível. Se for com o intuito de denúncia, esta pode ser de forma sutil, como a contar uma história que até então não tenha sido divulgada na imprensa com toda a complexidade que merecia - como é o caso do romance de não-ficção de Truman Capote, *A Sangre Frio*. Mas pode também assumir o caráter de denúncia abertamente, como no livro *Rota 66* de Caco Barcellos.

Motivação: a denúncia

(BARCELLOS, 2008, p.87-8)

Rota 66: A História da Polícia que Mata, lançado em 1992, é o resultado da inquietude do jornalista Caco Barcellos diante da morte de milhares de suspeitos pela Polícia Militar da cidade de São Paulo. O método de captação, segundo Lima (1998), é expandido no livro-reportagem “Fora do âmbito jornalístico, o livro-reportagem tem procurado se reciclar com os métodos mais eficazes de captação, como as histórias de vida e a observação participante.” (LIMA, 1998, p. 38). Em *Rota 66*, é perceptível a captação das histórias de vida como principal fator para ganhar a atenção e a sensibilidade dos leitores.

A pesquisa documental e, principalmente, as entrevistas também levaram Barcellos a entender e estender as simples notas divulgadas em jornais. Levantando informações, dados estatísticos e comparando versões, o jornalista transforma as notícias, após relacioná-las umas com as outras, em uma única história, conduzida e unificada pela ação policial da Rota 66 (Rondas Ostensivas Tobias Aguiar) de abril de 1970 até junho de 1992.

O jornalista Caco Barcellos, nascido em 1950 em Porto Alegre, é conhecido por sua dedicação absoluta à reportagem. O livro-reportagem *Rota 66* foi oito vezes premiado por instituições de defesa dos direitos humanos e ganhou o prêmio Jabuti de 1993 na categoria melhor obra de não-ficção.

No livro, o jornalista registra claramente o objetivo de cada investida. Em diversas passagens, o autor deixa claro o seu objetivo e como prosseguirá para alcançá-lo.

Meu objetivo, ao iniciar a pesquisa, é conhecer o perfil das vítimas e as circunstâncias em que elas são mortas pela Polícia Militar. Poderia ser uma tarefa relativamente simples, se os dados não fossem considerados sigilosos pelas autoridades de comando da PM. [...] Como meus pedidos de pesquisa nos arquivos da PM são sempre negados, sou obrigado a tomar o caminho da investigação.

O caráter de denúncia social é uma das características mais marcantes do *Rota 66*. A inconformidade do jornalista diante das mortes de supostos bandidos o leva a uma investigação profunda que resulta em uma denúncia comprobatória sobre os abusos da ação policial nos patrulhamentos na cidade de São Paulo. ‘A leitura das primeiras 1.725 edições do NP resultaram na descoberta de 274 pessoas mortas em supostos tiroteios pela cidade de 70 a 75. É um número impressionante, mesmo se comparado com a matança de grupos de extermínio’. (BARCELLOS, 2008, p.89).

As impressões pessoais do autor também estão presentes no trecho que comprova as suspeitas do início da investigação.

Minha investigação mostra que os PMs são alunos que aprenderam o pior dos seus professores do passado. Além de terem copiado o método brutal da repressão – o fuzilamento –, ainda *conseguem a proeza* de desrespeitar a lei do direito à vida *de forma mais insana*. (...) Os matadores da PM agem espontaneamente, sem nenhum critério prévio. Escolhem suas vítimas a partir de uma simples desconfiança. Consigo fazer essa afirmação com segurança depois de ter examinado exatamente 33 tiroteios ocorridos em 1975. (BARCELLOS, 2008, p. 96) [grifos nossos].

As formas de apuração são as mais diversas possíveis. O autor relata suas ações como repórter investigativo e cita as fontes que utiliza: entrevistas com parentes das vítimas, chefes de polícia e fontes ocultas; pesquisas em boletins de ocorrências (BO); notas de jornais (principalmente do jornal Notícias Populares); acesso a relatórios do Instituto Médico Legal (IML); acesso aos arquivos do Cartório da Justiça Militar, entre outros.

Observações e entrevistas feitas no pátio do necrotério formam, desde já, uma das fontes de pesquisa. (...) A outra fonte do meu Banco de Dados Não Oficiais é o arquivo do jornal com grande quantidade de fatos policiais, o *Notícias Populares*, o NP. A maior parte dos casos de pessoas mortas pela Polícia Militar é escrito no NP a partir das informações do Boletim de Ocorrência, ou da Nota Oficial divulgada pelo Serviço de Relações Públicas da PM. Desta maneira, ao ler as notícias de tiroteio envolvendo policiais, consigo reproduzir a versão oficial, com fidelidade, de todos os casos de mortes divulgadas. (Barcellos, 2008, p.88).

A narrativa híbrida

Ao longo das páginas de *Rota 66*, Barcellos desvenda cada assassinato, descreve as cenas, o cenário, a personalidade dos envolvidos (tanto policiais quanto as vítimas), transcreve diálogos, pensamentos e ações das mais diversas formas. Elementos narrativos como estes usados pelo jornalista situam *Rota 66* como um gênero híbrido, contendo características da Literatura e do jornalismo investigativo.

A narrativa encontrada em *Rota 66* não é linear, nem sequer homogênea. Ora a narração ocorre em primeira pessoa, assinalando Barcellos como o jornalista que está em busca de fontes, de resultados, de respostas para as questões que o moveram na investigação. Ora ocorre em terceira pessoa, como narrador onisciente, testemunha do acontecimento.

O primeiro capítulo é destinado à narração em terceira pessoa, onisciente, de um caso de perseguição a alguns jovens em um Fusca azul. Este acontecimento apresenta a história que guiará as pesquisas e a investigação do jornalista ao longo do livro. O autor descreve minuciosamente as cenas e a vida dos adolescentes que estão no Fusca azul – família, namoro, características físicas e de personalidade – criando, assim, uma espécie de vínculo entre o leitor e os personagens e permitindo que o leitor se situe na narrativa, como se conhecesse os envolvidos. A descrição cena a cena aproxima o leitor, dando a impressão de que ele estava presente, como testemunha.

Duas horas antes de cruzar com os homens da Rota 66, os longos cabelos do menor Francisco Noronha estavam entre as mãos da namorada, Iara Jamra, que os acariciava enquanto ele fazia o que mais gostava na vida: namorar em um passeio noturno de carro, em baixa velocidade, ouvindo Yes, Pink Floyd, Led Zeppelin pelas ruas arborizadas da cidade universitária. (BARCELLOS, 2008, p. 18)

Este primeiro caso não termina com o fim do capítulo. Ele se desenvolve em diversos outros momentos, é retomado entre um capítulo e outro, entre as narrações em primeira pessoa e a narração de outros casos.

A presença de pontos de vista do jornalista é bastante frequente, nota-se um grande envolvimento do autor com os fatos e as descobertas. A escolha da utilização de algumas palavras como “suposto”, “versão”, “o que parece ter acontecido”, deixa claro a dúvida do jornalista quanto à veracidade das informações que recebe, principalmente dos documentos oficiais e dos próprios policiais.

A julgar pelo tipo de ferimento dos jovens, o que *parece ter acontecido* foi uma execução. A *versão* de José Cláudio *só se sustentaria* caso ele fosse um dos policiais de melhor pontaria do mundo, capaz de uma façanha quase impossível: fazer disparos certos na cabeça do inimigo em plena tensão e movimento de um tiroteio. (BARCELLOS, 2008, p.144-5) [grifos nossos].

Barcellos coloca suas impressões sobre as descobertas feitas, sobre determinadas declarações dos envolvidos - principalmente as declarações dos policiais questionados – e sobre a própria sequência dos fatos descritos pelas testemunhas. “Seu depoimento, como única testemunha ocular, na consideração de especialistas, já levanta muitas dúvidas. Só uma pessoa com olhar fotográfico poderia ter visto tanta coisa em frações de segundo”. (BARCELLOS, 2008, p.106).

A subjetividade encontrada nas narrações de Barcellos levanta uma questão bastante polêmica na área jornalística: é possível considerar o jornalismo imparcial? De acordo com Lima, o livro-reportagem pode servir a muitas finalidades e praticar diversas vertentes do jornalismo, como o opinativo, partindo de “[...] uma visão unilateral de uma questão, defendendo um conjunto de princípios definidos.” (LIMA, 2004, p. 26).

As notícias jornalísticas são recortes da

realidade. Cada vez que o jornalista faz a seleção das informações coletadas e escreve seu texto, imprime nele diversas impressões pessoais e subjetivas, independente de seu esforço para não fazê-lo. No livro-reportagem, a “maquiagem” utilizada nos outros meios para disfarçar as subjetividades é dispensável, levando-se em conta a liberdade editorial permitida.

No segundo capítulo, Barcellos inicia com uma experiência individual de quando era menino. Além de se utilizar do artifício da primeira pessoa, já começa a imprimir subjetivações desde a primeira frase do capítulo. “Chegou a minha hora de correr desta maldita radiopatrulha” (BARCELLOS, 2008, p.25). A narração da experiência pessoal colabora na constatação da covardia e do abuso do poder de muitos policiais.

Outro momento em que o autor utiliza o recurso da narrativa em primeira pessoa já acontece no início do terceiro capítulo, quando ao voltar ao caso dos garotos do Fusca azul, conta por meio de suas ações como jornalista no momento em que toma conhecimento da perseguição. “Estou a mil quilômetros dos Jardins ao receber a notícia, por telex, da perseguição aos rapazes do Fusca azul.” (BARCELLOS, 2008, p.33). No mesmo capítulo, logo em seguida, muda a narrativa para onisciente, em terceira pessoa. Utiliza, além da descrição das cenas da perseguição, a descrição do lado humano e pessoal dos personagens, o temperamento, as experiências, histórias da turma, os desejos. Este artifício do autor permite aproximar o leitor dos personagens e sensibilizá-lo com a história.

Barcellos, além de relatar experiências pessoais nas quais ele mesmo foi vítima dos abusos cometidos por policiais, narra situações em que fora testemunha, como repórter, da violência cometida por soldados da Polícia Militar. “Fiquei ainda mais irritado quando o fotógrafo deixou de documentar a cena seguinte: mulheres e crianças

chorando, enquanto os soldados saíam do quintal do barraco puxando três homens pelos cabelos.” (BARCELLOS, 2008, p.51). Nesse trecho, como em muitos outros, são expostas as opiniões do repórter sem receio.

A hibridez do gênero livro-reportagem fica evidente em *Rota 66*, principalmente, pela narrativa em primeira e terceira pessoa, a utilização da descrição do cenário, a transcrição de diálogos, impressão de ações e características dos personagens.

Empada, pedaço de pizza, café preto, coxinha de galinha, uns trocados de vez em quando. Os soldados adoram as propinas do boteco, que parece ponto de delegacia [...]. Wagner Bossato bebeu artemisa misturada com álcool, agora sente o efeito de uma bomba no sistema nervoso central. (BARCELLOS, 2008, p.121)

A utilização desses recursos torna o texto agradável e com características tipicamente ficcionais. Ao utilizar o recurso da primeira pessoa, o escritor tece o enredo como se fosse um diário, registrando os passos e as dificuldades encontradas durante a investigação. O autor aparece como personagem (repórter) e narra entrevistas negadas, a demissão e as ameaças.

Achei estranho o tenente falar em demissão. Mas, ao voltar à redação, descobri que ele estava bem informado. Eu não estava exatamente demitido, porém, algo pior havia acontecido. Pressionado pelo governo estadual, o dono do jornal havia decidido demitir o editor da reportagem, meu amigo Licínio de Azevedo. (BARCELLOS, 2008, p.53-4).

A utilização de leituras complementares, como parte da investigação e da própria escrita da reportagem é também uma característica fundamental do livro-reportagem, já que ajuda a comprovar a veracidade dos fatos que estão sendo narrados. Barcellos transcreve trechos de entrevistas, relatórios, boletins internos da Polícia Militar, denúncias, relatórios médicos, depoimentos, notícias que saíram na imprensa

versão oficial, entre outros. Por meio desses documentos, o jornalista e, também, o leitor conseguem fazer uma análise da contradição existente entre as versões e resultados oficiais.

Uma denúncia feita pela mulher de uma das vítimas, em depoimento para o juiz do Inquérito da Polícia Militar, descreve cruamente a ação dos policiais.

[...] os policiais pararam Lenilson, que caminhava pelo bairro, e logo foram gritando: 'Mãos na cabeça!'... em seguida jogaram um líquido em seus olhos, que perderam a visão temporária... Lenilson ainda foi severamente espancado... os policiais introduziram pedras em sua boca, andando, pisando em seu corpo... que já se encontrava muito machucado, tendo sido atingido depois em seu ouvido... (BARCELLOS, 2008, p.205).

Esse trecho demonstra que é desnecessário qualquer comentário do jornalista. A repercussão dessa denúncia, que Barcellos revela logo em seguida, comprova o trabalho tendencioso das autoridades que estão julgando o fato. Barcellos narra outras circunstâncias em que os matadores são absolvidos e, ainda, recebem elogio por parte dos colegas da PM, por meio de boletins internos ou notas divulgadas, incentivando ainda mais a violência no policiamento.

[...] nossos parabéns e que continue sempre demonstrando grau de eficácia cada vez maior por parte da Rota e de seus componentes, a fim de que o nome da mesma e do 1º Batalhão Tobias de Aguiar se localize mais profundamente na coletividade tão ansiosa por dias mais tranquilos em sua existência. (BARCELLOS, 2008, p.195)

A transcrição de trechos importantes para a comprovação do que Barcellos denuncia na obra *Rota 66*, juntamente com a pesquisa documental, entrevistas às autoridades, testemunhas e parentes das vítimas, garantem que a investigação do jornalista não deixa abertura para dúvidas quanto à veracidade da denúncia. Pelo confronto do Banco de Dados elaborado por Barcellos e dos arquivos da Justiça Civil, o jornalista consegue

contabilizar os acontecimentos. “[...] dos mais de 4.179 mortos em supostos tiroteios, 65 por cento eram cidadãos comuns, sem antecedentes criminais, ou seja, inocentes.” (BARCELLOS, 2008, p. 327-330).

Não apenas o número de mortos é um dado importante e revelador. Barcellos, ainda, contabiliza os gastos públicos exorbitantes cada vez que um suspeito é morto comparado com os gastos de uma prisão. Identifica os matadores, como agem e quem são dentro da polícia e em sua vida pessoal. E, principalmente, revela as circunstâncias em que os suspeitos são mortos. Essas considerações são extremamente importantes na construção de uma denúncia concreta e na obtenção de um *feedback* acerca dos acontecimentos.

Conclusão

A análise do livro-reportagem *Rota 66 – A História da polícia que Mata*, do jornalista Caco Barcellos – demonstra a importância de uma busca mais aprofundada dos acontecimentos que muitas vezes são tratados pela imprensa de modo meramente factual.

Fugindo das limitações de causa e efeito normalmente abordadas nas reportagens comuns, a obra que une literatura e jornalismo investigativo reafirma a superficialidade e a uniformidade do jornalismo contemporâneo.

No Brasil, muitos foram os jornalistas que fizeram das notícias corriqueiras grandes histórias. Por meio de muita investigação e estrutura literária, o jornalismo ganhou ar artístico e humano por meio dessas reportagens que foram publicadas em livros. Caco Barcellos consegue utilizar recursos literários para construir uma denúncia contra a atuação dos policiais militares. Mas, para isso, a investigação incansável do jornalista durante o período de 22 anos de ação policial nas ruas de São Paulo é indispensável.

Portanto, esse livro-reportagem é exemplo da prática de um jornalismo investigativo sério, complexo, aliado a uma linguagem agradável, mesmo em se tratando da informação policial. Visando contar histórias, acima de tudo, Caco Barcellos cumpre o papel social do jornalismo; ao denunciar abusos contra inocentes, garante, também, aos leitores o prazer de ler uma narrativa bem construída do ponto de vista literário.

Referências

BARCELLOS, Caco. **Rota 66: A História da Polícia que Mata**. 9ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CASATTI, Denise. Narrar para diversificar (2004). Disponível em: <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/opiniaio/trint8/opini%C3%A3o1.htm>>. Acesso em 28 de julho de 2010.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da linguística Moderna**. São Paulo: Parábola, 2002.

DEMÉTRIO, Silvio Ricardo. **Os limites do dever literatura no jornalismo**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/demetrio-silvio-literatura-jornalismo.pdf>>. Acesso em 23 de dezembro de 2007.

GALENO, Alex & CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo e Literatura: A Sedução da Palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

LIMA, Alceu Amoroso. **Jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O**

livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIMA, Paulo. **Observatório da Imprensa**, 2006. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=371AZL004>>. Acesso em 14 de dezembro de 2007.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 1989.

KREIDLOW, Rogério. **Jornalismo Literário e Afins**, 2007. Disponível em <<http://peganomeu.wordpress.com/2007/08/10/jornalismo-literario-e-afins/>> Acesso em 28 de novembro de 2007.

RIBEIRO, Ana Paula. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**, 2003. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/345.pdf>>. Acesso em 02 de janeiro de 2008.

RIVAS, Manuel. **El periodismo ES un cuento**. Madrid: Alfaguara, 1998.

VILAS BOAS, Sérgio. **O jornalismo é feito de muitos conteúdos não-noticiosos** (2006) Disponível em <<http://www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/entrevistaj88.htm>>. Acesso em 28 de julho de 2010.

Artigo enviado em: 15/08/2011

Aceite em: 08/11/2011